

Clube da Mama – Grupo de Estudos da SBM/SC

Incidência de Câncer de Mama invasivo em mulheres tratadas com Implantes de Testosterona

A primeira reunião de 2021 do Clube da Mama promovida pela Sociedade Catarinense de Mastologia trouxe para o debate o uso dos implantes hormonais e, um dos assuntos abordados foi o uso de testosterona em mulheres. Para aprofundar o conhecimento sobre este tema cada vez mais frequente nos consultórios médicos, trouxemos um resumo de uma publicação da revista BMC Cancer (fator de impacto 3,15), sobre o uso de testosterona e câncer de mama.

O artigo publicado por Rebecca L. Glaser, cirurgiã do Departamento de Cirurgia da Universidade de Boonshoft, em Ohio, nos Estados Unidos, teve como objetivo primário avaliar a incidência de câncer de mama invasivo (CMI) em mulheres tratadas com testosterona subcutânea (T) e implantes de testosterona combinado com anastrozol (T+A), no intuito de diminuir a aromatização da testosterona em estradiol.

Trata-se de um estudo de coorte prospectivo com 10 anos de seguimento. As pacientes recrutadas para o estudo realizavam acompanhamento por sintomas de deficiência hormonal e eram tratadas em uma clínica privada de “bem-estar”, localizadas em Ohio.

Durante o período de março de 2008 a março de 2013, 1267 pacientes na pré e pós-menopausa, recebendo 2 ou mais conjuntos de implantes de T foram elegíveis para a análise. A dose média de início foi de 2-2,5 mg/kg, sendo a mesma ajustada a cada visita de acordo com a resposta clínica aos sintomas e aos efeitos colaterais. A dosagem da testosterona foi realizada através da cromatografia líquida de alta performance e espectrografia de massa em tandem, métodos não usuais na prática clínica brasileira.

Como efeitos colaterais, 85% das pacientes reportaram um aumento moderado dos pelos faciais, 11% um aumento da acne, 50% um rejuvenescimento da textura da pele e 1% alteração de voz.

O acompanhamento das pacientes foi realizado através de um programa computacional e ligações telefônicas foram realizadas para documentar o

surgimento de neoplasia mamária. Como o estudo não apresentou grupo controle, a taxa de incidência de CMI foi comparada com as coortes históricas do SEER (Surveillance Epidemiology and End Results).

Uma grande crítica ao estudo foi não haver cálculo amostral para estabelecer um nível de erro estatisticamente aceito. Além disso, o mesmo não incluiu a realização da mamografia de rastreamento e do exame clínico das mamas nos critérios de inclusão. Desta forma, a incidência do CMI foi avaliada através da informação fornecida pela paciente.

Das 1267 pacientes recrutadas na análise do estudo, 76,8% eram menopausadas, com uma idade média de 52 anos. Ocorreram 11 casos de CMI, menor do que a incidência esperada com base na análise de dados do SEER. A taxa de CMI foi considerada de 165 casos por 100.000 pacientes/ano, 39% menor do que a taxa estimada ao analisar os dados do SEER e de coortes históricas.

Os autores citam como críticas ao próprio estudo a falta de grupo controle, o uso da espectrometria na mensuração dos níveis de testosterona e impossibilidade de avaliar separadamente o resultado nas pacientes que usaram T isolada *versus* T+A.

O artigo conclui que o uso de T isolada ou T+A não aumentou o risco de câncer de mama, mas que mais estudos devem ser realizados.

Referência

Glaser RL, York AE, Dimitrakis C. Incidence of invasive breast cancer in women treated with testosterone implants: a prospective 10-year cohort study. *BMC Cancer*. 2019; 9:1271.

DOI: [10.1186/s12885-019-6457-8](https://doi.org/10.1186/s12885-019-6457-8)